

EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL COMO AUXÍLIO PARA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Damaris Mirian da Silva Sousa ¹

Orientador: Prof. Esp. Luiz Paulo Brito Rocha ²

RESUMO

O artigo aborda a importância da implementação de abordagens metodológicas multidisciplinares nas escolas brasileiras, com o objetivo de refletir sobre os valores culturais e étnico-racial no país, tendo como base o contexto histórico da escravidão. O texto apresenta uma análise crítica da forma de como o tema é abordado na sala de aula, mencionando a relevância da lei que estabelece o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, e as dificuldades existentes na sociedade que corroboram para o aumento das desigualdades. O artigo justifica a importância da educação como ferramenta de transformação social, capaz de formar cidadãos éticos, empáticos e críticos, enfatizando a responsabilidade da família e da escola nesse processo. Além disso, o texto discute os desafios e as possibilidades de desenvolver uma abordagem criativa e interessante para lidar com a representação dos negros nos livros didáticos e a falta de formação pedagógica adequada para abordar o tema em sala de aula. Na sequência, apresenta-se sugestões criativas para abordar a temática de forma simples, por meio de dinâmicas que fortalecem a amizade, valorizam as diferenças pessoais e auxiliam na construção da identidade pessoal de cada aluno. Do ponto de vista metodológico, o artigo se baseia em obras de autores relevantes como Carvalho 2004, Fernandes (2007), e Marx (2010), além de outros que fornecem informações indispensáveis para a abordagem deste assunto, além disso, utilizou-se sites confiáveis e artigos sobre o tema. A conclusão do artigo sintetiza os pontos estratégicos, ressaltando a importância da educação como principal forma de promover uma transformação social profunda, promovendo a formação de cidadãos éticos, justos e respeitosos para construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Palavras-chave: Desigualdades, Educação, Étnico-racial, Identidade, Implementação.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, destaca a relevância da implementação de temáticas culturais e étnico-raciais no currículo da educação infantil, como forma de promover a valorização da diversidade cultural, com o auxílio da escola em conjunto com a família. A pesquisa busca evidenciar a necessidade de uma abordagem multidisciplinar que contemple tanto os aspectos

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, damarismiriandasilvasousa@gmail.com.

² Professor Especialista do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA e Especialista em Educação Inclusiva, luiz16professor@hotmail.com.

históricos das discriminações étnico-raciais quanto à legislação que protege os direitos desta abordagem na educação, além de autores que argumentam sobre a temática.

Nessa ordem, o artigo discute um olhar crítico a abordagem de temas culturais e étnico-raciais na educação infantil, os desafios e possibilidades concernentes a abordagem destes conteúdos, fomentando o pensamento crítico e criativo da criança.

A vista disso, surge a seguinte questão-problema: a insuficiência no estudo multidisciplinar sobre identidade e diversidade cultural nas escolas, influencia no comportamento e no desenvolvimento das crianças? A justificativa para essa indagação está no fato de que a ausência de debates e informações sobre o tema contribui para a formação de indivíduos com predominância preconceituosos e etnocêntricos. Mas que tipo de consequências advém dessas práticas? Esse cenário favorece o aumento das desigualdades e gera impactos negativos para a sociedade, que vão desde exclusões culturais até tragédias humanas. Por isso, abordar essa temática é fundamental, pois amplia a visão dos indivíduos, promovendo empatia, respeito e um entendimento mais profundo das culturas existentes no Brasil e no mundo.

Dessa forma, o presente tema tem por objetivo, destacar a importância do trabalho com questões étnico-raciais no ambiente escolar. Acima de tudo, para que os alunos aprendam a valorizar e respeitar tanto sua própria identidade cultural quanto a do próximo, somando para a formação de uma sociedade mais justa, diversa e acolhedora.

Ademais a metodologia utilizada para este estudo, fundamenta-se na análise de obras de autores proeminentes na área, tais como Munanga (2008), Fernandes (2007) e Marx (2010), dentre outros que serão apresentados ao longo do trabalho, visando à compreensão da complexidade da temática.

Na seção de resultados de discussão apresentam-se as análises dos autores que convergem em seus pontos de vista a respeito do conteúdo, destacando os desafios enfrentados ao longo dos anos e as possíveis mudanças consideradas necessárias. Concluindo-se com uma reflexão coletiva sobre a necessidade de conscientização para o respeito e a valorização da diversidade cultural, envolvendo a participação ativa da escola e da família nesse processo.

METODOLOGIA

Este artigo, tem como base teórica uma pesquisa bibliográfica que buscou aprofundar o conhecimento sobre o tema, a partir da análise de obras de referência e de artigos científicos que retratam a educação étnico-racial como base fundamental para a formação de indivíduos conscientes e educados, como ressalta Kant “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação” (Kant 2002, p.444). Nesse sentido, busca-se esclarecer a importância da educação que segundo Freire (1970) para transformar o mundo antes precisa mudar as pessoas para que assim elas transformem o mundo. A relevância dessas informações possibilita uma melhor abordagem sobre o tema para a compreensão do leitor.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um Olhar Crítico ao Abordar Temas Culturais e Étnico-Raciais na Educação Infantil

A persistência da desvalorização de grupos sociais, baseada em critérios como posição social, costumes, religião, gênero e tons de pele, é um desafio histórico que ainda marca profundamente a história do país. Não obstante, mesmo com os avanços legislativos, como a Lei 10.639/03, que instituiu o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos locais de ensino, a discriminação racial ainda é persistente em diversos âmbitos da sociedade, seja no ambiente familiar, escolar ou midiático.

Dessa forma, ao inserir a história e a cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, a lei antes mencionada busca formar cidadãos conscientes de suas origens e capazes de construir uma sociedade mais justa e democrática. A aprovação desta lei, representou um marco importante ao valorizar a diversidade cultural e promover uma educação antirracista.

[...] combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada” (Brasil, 2004, p. 10).

Em convivência social comumente percebe-se que padrões estéticos e comportamentais ainda prevaletentes marginalizam aqueles que não se encaixam em tais modelos, e os resultados são

ataques constantes corroborando para o aumento do preconceito e da violência. Conforme elucidado por Cardoso (2011), a reprodução de padrões, muitas vezes de forma inconsciente, perpetua a discriminação e a desigualdade racial. Além disso Rocha argumenta sobre o papel da escola nesse processo, o autor propõe uma análise do que e de como se ensina a respeito da comunidade negra.

A grande tarefa no campo da educação” há de ser a busca de “caminhos e métodos para rever o que se ensina e como se ensinam, nas escolas públicas e privadas, as questões que dizem respeito ao mundo da comunidade negra. A educação é um campo com sequelas profundas de racismo, para não dizer o veículo de comunicação da ideologia branca (Rocha, 1998, p. 56).

Outro meio de propagação do racismo é a percepção que as crianças desenvolvem através das mídias, desenhos ou filmes, nos quais os brancos são representados como superiores e os negros como servos ou escravos, conforme explica Ramos:

Muitas dessas noções raciais apreendidas pelas crianças são apresentadas através da mídia televisiva, que contribui significativamente para a consolidação da imagem do branco como ideal, não apenas estético, mas como padrão de superioridade, fato que culmina na negação e inferiorização do negro. Uma criança, de qualquer etnia não branca, ao ver personagens brancos em programas de televisão representados em posição de “superioridade” em relação aos outros e ver seus pares em posição subalternas, provavelmente terá dificuldades para perceber a beleza de uma pessoa que tem a sua cor de pele, raça ou nacionalidade (Ramos 2015, p.65).

De fato, a escritora propõe a análise dessas imagens, para evidenciar o entendimento que as crianças desenvolvem de si mesmas e do seu semelhante ao ver alguém que possui suas características sendo marginalizado por alguém que transpõe ser superior. É nessa lógica que surge a necessidade de desconstruir esses estereótipos raciais e promover o respeito as diferenças.

Nesse sentido, a educação, em conjunto com a conscientização sobre o papel da mídia na perpetuação da discriminação, são ferramentas essenciais para mudanças sociais. Fernandes (2007), alerta que a construção da democracia racial no Brasil é um processo complexo e abrangente, que exige mudanças não apenas nas relações raciais, mas também nas esferas econômica, social, jurídica e política. Para que a equidade seja alcançada, é fundamental compreender as raízes históricas e as dinâmicas que perpetuam as desigualdades.

Quanto ao mais, não é só a democracia racial que está por se construir no Brasil. É toda a democracia na esfera econômica, na esfera social, na esfera jurídica e na esfera política. Para que ela também se concretize no domínio das relações raciais, é mister que saibamos clara, honesta e convictamente o que tem banido e continuará a banir a equidade nas relações de “brancos”, “negros” e “mestiços” entre si (Fernandes 2007, p.40).

Nesta fala, o autor evidencia a persistência das desigualdades e preconceitos nas relações sociais, pontuando a necessidade de se buscar soluções para problemas que estão

enraizados na sociedade. A obra analisa como essas questões se manifestam em diferentes contextos, impactando a vida de diversos grupos sociais. Diante dessas afirmações percebe-se a necessidade de um despertar para se promover uma educação honesta que reconheça o valor de cada ser e oportunize a todos de igual modo. Por isso, para desconstruir ideias, pensamentos racistas e preconceituosos no ambiente escolar, é essencial compreender que, a educação infantil é o período ideal para desenvolver nos indivíduos valores como respeito, empatia e igualdade.

Munanga (2008), defende que a educação é fundamental para desconstruir os preconceitos e os estereótipos enraizados na sociedade, formando cidadãos críticos e conscientes de suas identidades.

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas e que existem nas cabeças das pessoas (...). No entanto, cremos que a Educação é capaz de dar tanto aos jovens quanto aos adultos a possibilidade de questionar e de desconstruir os mitos de superioridade e de inferioridade entre grupos humanos que foram socializados (...) não temos dúvidas que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção de individualidades históricas e culturais das populações que formam a matriz plural do povo e da sociedade brasileira. (Munanga, 2008, p. 17).

Nesse cenário, o antropólogo defende que a educação é um instrumento fundamental para a transformação social. Ao promover o respeito às diferenças e a construção da identidade pessoal, os educadores colaboraram para a superação das desigualdades e para a construção de uma sociedade mais democrática. Freire (1970), ressalta o papel transformador da educação, que possibilita uma mudança tanto individual quanto social. Ao abordar temas como raça, etnia e cultura desde a infância, a escola contribui para a formação de assuntos mais justos e equivalentes.

Na obra de Jaeger (1995), tratando-se da formação do homem grego, o autor discorre o valor da educação para a formação de cidadãos éticos e sábios naquela localidade, já que na antiguidade clássica a educação era vista como prioridade e não considerada apenas como uma transmissão de saberes. Vale pontuar que esta educação era o modelo defendido por Platão e que se caracteriza de um modo “geral”, abrangendo todos os tipos de conhecimentos inclusive o político e reforça a ideia de que para formação integral do indivíduo na sociedade são indispensáveis os conhecimentos culturais, éticos e históricos.

(...) a essência de toda a verdadeira educação ou Paideia, a qual é educação na arete que enche o homem do desejo e da ânsia de se tornar um cidadão perfeito, e o ensina a mandar e obedecer, sobre o fundamento da justiça (...) A verdadeira educação é para Platão uma formação “geral”, porque o sentido do político é o sentido do geral (Jaeger, 1995, p. 147).

Essa perspectiva, representa a ideia de que para promover-se uma reconfiguração social ela deve iniciar-se na primeira fase da vida, ciclo de desenvolvimento onde os primeiros passos para a formação ética de um indivíduo são iniciados e é a partir deste momento que a escola e a família se tornam aliadas. A família desempenha um papel crucial nesse processo.

Carvalho (2004) e Paro (1999) enfatizam a importância da parceria entre escola e família, para garantir o sucesso escolar e a formação integral dos filhos. Ao oferecer um ambiente familiar que valorize a diversidade e o respeito às diferenças, os pais positivos contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Tiba (1996), destaca a importância fundamental da família no processo de socialização dos indivíduos, enfatizando que é no ambiente doméstico que se adquirem os primeiros valores e princípios que moldam o caráter e a conduta social. O autor ressalta que a disciplina, elemento essencial para a saúde, é aprendida e absorvida no seio familiar, influenciando diretamente o desempenho do indivíduo em suas relações interpessoais e sociais. “É dentro de casa, na socialização familiar. Que um filho adquire, aprende e absorve disciplina para, num futuro próximo ter saúde social.” (Tiba 1996, p.178).

Nesse contexto, o engajamento dos pais na vida de seus filhos é inegociável, de modo que, por meio da convivência cotidiana e da internalização dos valores transmitidos pelos responsáveis, as crianças desenvolvam posturas mais acolhedoras, gentis e educadas. Essa base sólida proporciona ao indivíduo um repertório de comportamentos e referenciais que o auxiliarão a construir relações saudáveis e significativas ao longo da vida.

Contudo, é importante reconhecer que nem todas as famílias desfrutam de condições ideais para promover um ambiente de desenvolvimento adequado. Infelizmente, algumas famílias carecem de recursos, ou estrutura para se envolver ativamente na vida dos filhos, o que pode comprometer a formação desses indivíduos. Diante dessa realidade, torna-se imprescindível que a sociedade como um todo, incluindo escolas, instituições e agentes sociais, assumam um papel complementar na formação desses indivíduos, oferecendo suporte, orientação e oportunidades para que as crianças desenvolvam todo o seu potencial.

Diante do exposto, a abordagem de temas culturais e étnico-raciais na educação infantil é fundamental para a construção de uma sociedade receptiva e acolhedora. Ao promover o respeito às diferenças, a escola e a família são privilegiadas para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, capazes de combater o preconceito e a discriminação.

Portanto é importante reconhecer que a transformação social é um processo gradual e complexo, que exige a participação de todos os setores da sociedade. A educação, ao promover o diálogo, a reflexão e a crítica, é uma ferramenta poderosa para a formação de um futuro digno e igualitário para todos.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Embora, uma abordagem de temas como diversidade cultural e preconceito étnico-racial possa parecer inicialmente simples, trata-se de uma tarefa complexa que exige do professor uma preparação contínua e criatividade. A mera realização de atividades pontuais, como colorir desenhos em dados comemorativos, não é suficiente para tratar de forma adequada essa temática. Conforme ressalta Santos (2007), a formação do educador para lidar com a diversidade étnico-racial é fundamental para garantir uma prática pedagógica inclusiva e segura.

[...] a formação do educador para o tratamento da diversidade étnica e racial, no contexto escolar, é de suma importância para uma prática profissional cotidiana e segura para a inclusão da diversidade racial. No entanto, o não acesso à informação e formação específica para a sua prática educativa em relação à temática, não o isenta da responsabilidade e sensibilidade com o tratamento da diversidade e proteção dos alunos frente às situações de discriminação (Santos 2007, p.77).

Corroborando a afirmação de Santos, é importante compreender que a exploração da diversidade cultural no contexto escolar não se restringe a professores com formação específica. Ainda que uma formação continuada seja ideal, é imprescindível que a temática seja abordada de forma multidisciplinar, ultrapassando os limites da disciplina de História e do ensino sobre a escravidão no Brasil.

Uma proposta eficaz consiste em integrar as disciplinas de Arte e História, promovendo a contação de histórias, a reflexão e o debate entre os alunos. Ao compartilhar suas experiências pessoais, os estudantes podem produzir pinturas que reflitam sua identidade cultural, seus gostos e suas percepções sobre a cor. Essa atividade proporciona um ambiente acolhedor e de escuta, fomentando a compreensão mútua e o respeito às diferenças.

Ao vivenciar essa experiência, as crianças desenvolvem um pensamento crítico e uma sensibilidade aguçada, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e para a promoção de transformações sociais mais amplas.

Outra situação, é a representação dos negros nos livros didáticos que constitui um problema grave, pois reforça estereótipos negativos e contribui para a perpetuação do racismo. Comumente, os negros são retratados em situações de subordinação, desempenhando trabalhos manuais ou exercidos como escravos, enquanto os brancos são representados em posições de poder e prestígio. Essa representação desigual gera uma percepção distorcida da realidade nas crianças, associando a negritude a características negativas e a branquitude a atributos positivos.

Conforme destaca Lima (2005), a vinculação recorrente de personagens negros à escravidão naturaliza o sofrimento e reforça a ideia de inferioridade racial. Essa abordagem contribui para a manutenção de estereótipos e impede a construção de uma identidade negra positiva nas crianças.

geralmente, quando personagens negros entram em histórias aparecem vinculados à escravidão. As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedoras da marca da condição de inferiorizados pela qual a humanidade negra passou (Lima 2005, p. 103).

Neste conjunto de circunstâncias, evidencia-se o desafio de promover uma educação antirracista em um ambiente escolar que, historicamente, contribuiu para a persistência das desigualdades raciais. Marx já apontava para o caráter ideológico da educação, utilizado pelas classes dominantes para manter o status. Ao limitar o acesso à educação de qualidade e perpetuar desigualdades, as instituições escolares reforçam as posições sociais. “[Homem] livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo” (Marx, Engels, 2010, p.40). Essa perspectiva marxista nos auxilia a compreender como as instituições educacionais podem ser instrumentos de dominação e reprodução das desigualdades sociais.

Em vista disso, é útil que as unidades de ensino estejam empenhadas a desconstruir os preconceitos enraizados na sociedade, promovendo a conscientização sobre a diversidade e a igualdade. Para tanto, a adoção de metodologias lúdicas e dinâmicas se mostra eficaz na promoção de um ambiente escolar inclusivo e respeitoso.

A dinâmica "Quem sou eu" estimula a reflexão sobre a identidade individual, fomentando a autoconsciência e o respeito às diferenças. Já a dinâmica do espelho proporciona

um momento de auto-observação, auxiliando na identificação de estereótipos e preconceitos. A roda da amizade, por sua vez, promove a valorização das características individuais e a construção de relações interpessoais mais saudáveis.

Essas atividades, quando realizadas de forma consistente e articulada com o currículo escolar, contribuem para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes, capacitados para respeitar o outro.

RESULTADOS DE DISCUSSÃO

Este artigo aborda as complexas realidades culturais e étnico-raciais que permeiam a sociedade, com foco nos ambientes escolar e familiar, visando uma análise abrangente do tema. Propõe-se, como solução implementações e mudanças substanciais para o avanço educacional.

A presente análise fundamenta-se nas percepções de autores renomados, cujas visões são corroboradas por pesquisas aprofundadas em suas respectivas obras, e em Leis brasileiras.

A promulgação da Lei nº 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essa medida legislativa tem como objetivo central resgatar a importância das origens africanas na formação da sociedade brasileira, apesar dos desafios enfrentados em sua plena implementação.

Os autores Ramos e Rocha compartilham uma perspectiva convergente, ao abordarem a questão étnico-racial como um problema estrutural da sociedade que exige desconstrução. Tal problemática, inegavelmente presente, é amplificada pelos meios de comunicação social, como reforçado por Fernandes.

Por sua vez, Munanga, em suas análises, explora tanto os aspectos negativos quanto os positivos da temática no contexto escolar, destacando situações históricas e contemporâneas que ainda demandam aprimoramento, como apontado por Marx sobre o valor das pessoas de acordo com a sua posição social e Freire sobre o poder transformador da educação. Além disso, Jaeger aborda a importância da educação para a formação integral dos cidadãos, apresentando

a essência da verdadeira educação que envolve todos os tipos de conhecimentos, sendo ela uma formação “geral”.

Em consonância, os autores Carvalho e Paro, reforçam a importância da participação da escola e da família em uma parceria na formação das crianças. Esta é uma abordagem que é defendida por Tiba, ao acrescentar que é na convivência familiar doméstica que o indivíduo desenvolve disciplina e caráter.

Na abordagem dos desafios e possibilidades a autora Lima, apresenta a forma tendenciosa e desigual de como os negros são representados nos livros didáticos reforçando a propagação da escravidão e a ideia de que os negros, sempre estarão sob a dominação dos brancos, fato que ainda é predominante na visão de boa parte da sociedade, culminando a afirmação de Marx sobre a posição de cada indivíduo.

Além disso, Santos enfatiza a importância da formação continuada dos professores para o ensino de culturas e etnias, independentemente de sua especialização. O autor destaca que a falta de formação específica não exime os educadores da responsabilidade de promover o respeito e a valorização das diferenças desde a educação infantil.

Portanto, as noções discutidas pelos escritores revelam e apontam para uma realidade ainda dominante no meio social, entretanto, os tais propõem novos caminhos. Diante desse fato, formar cidadãos íntegros e honestos envolve a participação de todos, no propósito de desconstruir “padrões” preconceituosos e formar cidadãos de caráter autêntico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto, esse artigo analisa as manifestações de preconceitos étnico-raciais na sociedade brasileira que se mostra bastante pertinente no ambiente escolar, comportamentos oriundos do período escravista. Apesar das transformações sociais ocorridas ao longo dos anos, os resquícios do passado escravocrata continuam a influenciar as relações sociais contemporâneas. Esta pesquisa evidencia como essas heranças históricas se manifestam no cotidiano.

Dessa forma, práticas pedagógicas que estimulam o acolhimento, a empatia e a valorização das diferenças, especialmente na educação infantil são essenciais. Considerando o contexto social e a naturalização de preconceitos, é fundamental que a escola e a família ofereçam um ambiente seguro e acolhedor, para que as crianças possam desenvolver atitudes como autoaceitação, respeito e percepção de valor.

Portanto, a formação integral de cada indivíduo é potencializada quando há a participação ativa todos os setores da sociedade para complementar o trabalho pedagógico e garantir o desenvolvimento integral dos pequenos cidadãos. Dessa forma a escola, a família e a sociedade de um modo geral contribuem para desconstrução de estereótipos racistas e formam seres pensantes, respeitosos e orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial.

Palavras-chave: Acolhedor, Conscientização, Empatia, Escola, Família.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso em 20 de jan. 2025.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 20 jan. 2025.

CARVALHO, A.L. **Relações família-escola: um estudo sobre o envolvimento dos pais**. Campinas: Autêntica 2004.

Com brincadeiras, coletivo espelho, espelho meu valoriza a criança negra e combate ao racismo na infância. Nova escola, 2024. Disponível em: <https://box.novaescola.org.br/etapa/1/educacao-infantil/caixa/215/brincadeiras-e-dancas-africanas-para-todas-as-criancas/conteudo/19931>. Acesso em: 29 jan. 2024.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **O manifesto do partido comunista**. Tradução Álvaro Pina; Ivana Jinkings. São Paulo, 2010.

FERNANDES, Florestan. **A questão racial no Brasil**. São Paulo: Ática, 2007.



FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Liberdade**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

JAEGER, Werner. ***Paidéia: a formação do homem grego***. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1995.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2. ed. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. PEREIRA, Marcos Emanuel. **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: ADUFBA 2004.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negras: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a raça no Brasil**. São Paulo: Global, 2008.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino: a reformulação necessária**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

RAMOS, Viviane Rodrigues Darif Saldanhas de Almeida. **A metamorfose de Cirilo: relações raciais e branquidade normativa na telenovela infantil Carrossel**. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências, Letras e Filosofia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

ROCHA, José Geraldo da. **Teologia e Negritude**. Santa Maria: Pallotti, 1998.

SANTOS, Ângela Maria. **Vozes e silêncio do cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros**. Cuiabá: EDUFMT, 2007.

TIBA, Içami. **Quem ama educa**. 2. ed. São Paulo: Gente, 1996.